

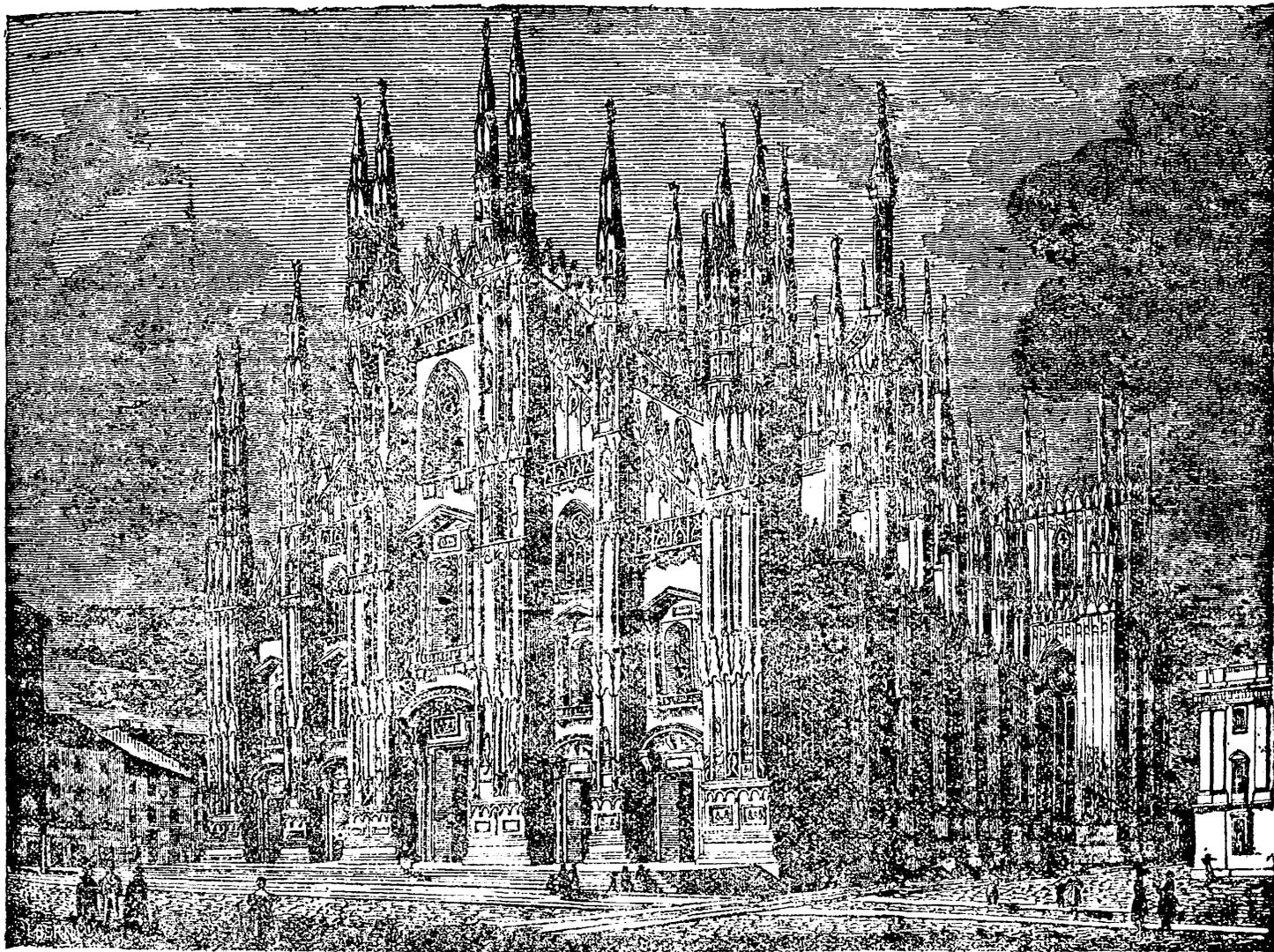
O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

REDACTOR: GOMES DOS SANTOS

Condições da assignatura—Sem brinde; Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,5200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,3000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Cathedral de Milão

Fastos da Igreja

—
OS TREZE LEÕES
—

Na gloriosa serie dos seus predecessores o actual pontífice conta doze do seu nome. Bastava a posição de representantes de Jesus Christo na terra para dar a todos elles um realce particular; porém a maioria d'elles distinguuiu-se tanto pela santidade de vida e pelo seu talento e intelligencia, que sempre occuparam logar distincto na historia.

O primeiro n'esta successão é S. Leão Magno, que governou a Igreja nos annos de 440 a 461. Pela sua eloquencia e merito, e pelo seu combate contra os Eutychianos e Manicheus, mereceu o nome de Doutor da Igreja. Salvou a cidade de Roma da invasão dos herulos, obrigando

o feroz Atila a retirar-se para o norte; convocou o concilio de Chalcedonia, em que tomaram parte 310 bispos, onde se definiu solemnemente a unidade da pessoa e a differença de duas naturezas em Jesus Christo.

S. Leão II occupou o solio pontificio no anno de 682. Governou só dez mezes, mas os seus meritos na sciencia, no canto gregoriano e na sagrada lithurgia são universalmente reconhecidos.

S. Leão III (795-816), monge de S. Bento, foi o fundador do Santo Imperio Romano. Perseguido pelos lombardas, fugiu para a Germania e d'ahi voltou, com o auxilio do imperador Carlos, á cidade eterna no natal de 800. O imperador Carlos, a instancias de Leão III, augmentou com muitas doações o patrimonio de S. Pedro.

Leão IV (847-754) era tambem natural de Roma e filho de S. Bento. Mostrou-se, em tempos de grandes provações, quando os sarracenos tinham saqueado as basilicas

de S. Pedro e de S. Paulo e todo o territorio sujeito a Roma, como pae verdadeiro de seu povo. Fortificou depois a basilica e o bairro de S. Pedro, que até então se achava fóra da cidade, fundando d'esta maneira a *civitas leonina* sobre a margem direita do Tibre.

Leão V, tambem benedictino, governou a Egreja só um mez e 26 dias, morrendo em consequencia de crueldades inauditas que soffreu como prisioneiro do cruel cardinal Christophoro, no anno de 903.

Leão VI foi um papa severo e muito zeloso pela honra e pureza da Egreja. Morreu em 959, depois dum governo de seis mezes, tambem de morte violenta ás mãos dos inimigos que sitiavam a cidade de Roma.

Leão VII (936 939) era monge de S. Bento, quando o elevaram ao supremo cargo apostolico. Era homem de cogação, e, em um tempo de perversão e corrupção geral, deu ao mundo um exemplo de piedade e pureza angelicas.

Leão VIII (963 955) passou, durante o curto periodo de seu governo, por grandes luctas pela conservação da independencia da Santa Sé, á qual elle mesmo chegara por violencia e com o auxilio do imperador Othão I.

Leão IX (1048 1054), antes de sua elevação á Cadeira de S. Pedro, era bispo de Toul. Sob o pontificado glorioso deste Papa, começou um tempo florescente para a Egreja. Trabalhou com zelo apostolico pela unidade da Egreja: combateu contra a simonia e o desprezo da santidade do matrimonio, e introduziu a *tregua de Deus*, segundo a qual, deviam cessar todas as contendas e hostilidades desde a tarde de quarta-feira até a manhã da segunda, como tambem durante o advento e a quaresma.

Leão X (1503 1521) era da familia dos Medici. Nasceu em Florença, no anno de 1475. Na idade de 38 annos, ascendeu á Cadeira Apostolica. Sob seu governo começou a triste scisão do christianismo occidental, o protestantismo. Occupava-se muito, talvez de mais e em prejuizo da Religião, das sciencias e das artes. Foi um dos papas mais doutos, estadista e diplomata de raras qualidades. Interessou-se principalmente na edificação da basilica de S. Pedro, e na expulsão dos turcos da Europa.

Leão XI morreu, depois d'um pontificado de só 27 dias, no 1.º de abril de 1505.

Leão XII, um homem de Deus, cuja eleição, como successor do Papa-Martyr Pio VII, foi saudada com jubilo por todo o orbe catholico. Como Papa, dirigiu seu zelo principalmente para os paizes ultramarinos; as missões no Oriente receberam novo impulso; augmentou o numero das dioceses no Mexico, na Allemanha, na Hollanda e nos Estados-Unidos. As abbasias e presidencias da Ordem de S. Bento no Brazil reuniu em Congregação, dando-lhe constituições especiaes em 1822. Combateu energeticamente a maçonaria e a propaganda das sociedades protestantes biblicas. Foi um verdadeiro pae para a Companhia de Jesus, recentemente restaurada pelo seu predecessor. Falleceu quasi repentinamente, a 10 de outubro de 1829. Honra sua memoria um grandioso monumento de marmore na basilica da S. Pedro, obra prima do grande esculptor dinamarquez Thorwaldsen.

Fazendo um retrospecto sobre a serie dos doze Leões, e comparando-os com o nosso actual Pontifice, devemos, cheios de gratidão, reconhecer que Deus nos deu, n'estes tempos difficeis, um Pae e um pastor, no qual se reúnem todas as qualidades, meritos e virtudes. O pae dos operarios, como o seculo lhe vae chamando, exerce no mundo uma grandiosa acção moral, e o seu ideal parece ser a continua propagação dos eternos principios da justiça e de verdade e o restabelecimento do reinado da paz, tanto entre os povos, como tambem nos corações todos os seus filhos.

CONTROVERSIAS

Jesuitas e liberaes

V

Applicação das Leis

Supponhamos, por um pouco, que os decretos do Marquez de Pombal e de Joaquim Antonio de Aguiar podem ser considerados como leis e como taes devem ser observados e até respeitados.

Muitas leis ha, que não se cumprem, ou não se observam com todo o rigor. Vão caindo em desuso, com o correr dos tempos e com as circumstancias, que vão occorrendo.

Se tivessem de observar-se todas as leis rigorosamente, não existiria em Portugal um unico jornal republicano e os seus redactores e proprietarios já estariam, ha muito, nas cadeias, soffrendo o castigo, que o *Codigo penal* impõe a todos os individuos, que, por palavras ou escriptos, pretenderem destruir ou alterar a forma do governo estabelecido.

Ora, segundo nos parece (e cremos não errarmos), os taes decretos não podem ter applicação aos institutos, que existem ou tem existido, com uma apparencia mais ou menos conventual e até mais ou menos cenobitica.

Appellemos para a historia e para o direito natural.

Em Portugal existiam mosteiros, cujos edificios haviam sido construidos á custa dos rendimentos publicos e por ordem dos nossos monarchas.

Ainda que entregues a seus respectivos habitadores, não podiam deixar de ser considerados, como edificios nacionaes.

E n'esses casos estavam os mosteiros de Alcobaça; Batalha; Santa Cruz, de Coimbra; S. João Baptista, de Tarouca; Santa Maria de Belem, no Rastello (os Jeronymos), Mafra; e outros, que a historia nos aponta e que nós escuzamos de apontar agora.

O expulsar d'elles os seus habitadores foi uma crueldade, peor que o despotismo.

No entanto, ainda o legislador, (para não dizer o despotico Aguiar), podia dizer, que, sendo ou podendo considerarem-se taes edificios como propriedades do estado, tinha este o direito de admittir n'elles quem muito bem quizesse e de mandar sair d'elles, quem lá não quizesse admittir.

Outros conventos existiam, que haviam sido mandados construir por particulares e até pelos seus primeiros habitadores.

Com esses nada tinha o governo.

Comtudo, ainda este podia dizer, que não convinha á politica nem á sociedade, que fossem expulsos uns frades e fosse permitido a outros o permanecerem, estabelecendo assim uma desigualdade, que a uns daria grande prazer e outros causaria intimo desgosto e a todos uma natural rivalidade.

Alguns dos extinctos mosteiros e conventos tinham certos privilegios, taes como direitos senhoriaes, apresentações de parochos, cobrança de dizimos e de diversos tributos, nomeação de certos funcionarios, preferencias na aquisição das subsistencias, e ainda outros.

Todas essas corporações tinham character mais ou menos official, como o tem as Confrarias e as Irmandades, e como o tem todas as associações com estatutos legalmente approvados.

Por isso, eram, como taes associações, consideradas umas pessoas juridicas e idoneas para receberem heranças e fazerem quaesquer contractos, permittidos pelas leis em vigor.

Se tinham rendimentos proprios, eram estes o effeito

de doações, compras, ou outros contractos, que também as leis permittiam.

E tanto isto é verdade, que o proprio Aguiar, apesar de tão cruelmente haver escripto contra os frades, determina no seu decreto da extincção das ordens monasticas, que aos egressos se daria um subsidio, para a sua decensustentação.

Verdade é, que esse subsidio foi por diversas vezes pago com muita irregularidade e não poucas teve longas interrupções. Isso, porém, nada prova em desfavor da existencia de tal determinação.

Esta bem indicava, que Joaquim Antonio de Aguiar entendia, que fazia, com o seu decreto, um roubo aos frades e que era mister, se não indemnisa-los, ao menos sustentá-los, em quanto elles não exercessem quaesquer cargos publicos, em que pudessem ser admittidos e lhes dessem os meios para a sua subsistencia.

Os actuaes estabelecimentos, de character ou de apparença mais ou menos conventual, não estão no caso dos que foram extinctos em 1834.

São ou eram entidades puramente particulares, não podiam nem podem fazer compras ou vendas, nem aceitar heranças, senão como o pode fazer um simples cidadão, que esteja emancipado e em seu perfeito juizo.

Se possuíam bens, estavam estes em nome de um, dois ou poucos mais habitadores de cada uma das respectivas casas.

Esses bens, adquiridos por qualquer meio, que as leis não prohibem, pagaram a contribuição de registo no acto da aquisição e continuaram e continuam a pagar as contribuições prediaes, como outras quaesquer propriedades.

Quando os Jesuitas foram expulsos, em 1759, o Marquez de Pombal mandou incorporar nos bens da corôa os que haviam sido d'aquelles religiosos.

Quando, em 1834, foram expulsos dos conventos os seus habitadores, o governo tomou logo posse dos bens d'esses individuos, como faz e tem feito, quando morre a ultima freira de qualquer casa conventual.

Agora, porém, mudaria o caso de figura, se o governo, mandando fechar uma ou outra casa (como mandou) d'essas, a que chamou conventos, quizesse apossar-se dos haveres de seus habitadores.

Não faltariam reclamações, por que os respectivos proprietarios, ainda que não vivessem em communidade, não perdiam o direito a taes haveres.

Nenhuns bens tem hoje privilegios, como os que tinham os bens de algumas casas conventuaes. E, ainda que os chamados frades, actualmente, houvessem de sair do paiz, não poderia o governo expropriar em proveito seu, esses haveres, por que não faltaria, quem, apresentando documentos legaes, provasse, que a propriedade teve uma proveniencia muito diversa, do que alguém pensava.

*

E alguém pensava, que as coisas, em 1901, se poderiam arranjar, como em 1834. Entendia, que o governo havia de apropriar-se dos bens de raiz e que umas hordas de amigos do alheio entrariam por essas casas, a que chamam conventos, e fariam, como, no mesmo anno de 1834, fizeram outros que taes, roubando as livrarias, os quadros, os moveis, os comestiveis e tudo o que por lá encontrassem.

Todos esses planos ambiciosos saíram frustrados. Sabemos, que nenhuma associação de mais de vinte individuos pode existir, seja qual fôr o seu fim, sem que, dentro de um certo praso, elabore os seus Estatutos e trate de obter a approvação d'estes.

Mas nenhuma d'essas casas tinha vinte habitadores ou era morada de associações, cada uma das quaes tivesse esse numero.

Havia, e ha, collegios e officinas em algumas d'essas casas.

Mas nem as officinas nem os collegios podem se prohibidos, com tanto que os proprietarios de taes estabelecimentos paguem a respectiva contribuição industrial, tenham os edificios em condicções hygienicas, não ensinem publicamente doutrinas contrarias ás leis civis e ás leis da religião do estado, e não incomodem a vizinhança.

Por que estão prohibidas em Portugal as congregateções religiosas, nenhum individuo pôde, fóra da sua residencia, usar de trajas monasticas; mas não pode ser prohibido de usal-os dentro da mesma residencia, assim como um individuo dentro de sua casa pode andar vestido de general, ainda que não tenha sido um simples soldado; ou de magistrado, ainda que seja um analfabeto; ou de ministro, ainda que seja um simples proprietario; ou de saltimbanco, ainda que seja um artista muito serio.

Esses individuos, aos quaes chamam frades, não podem tomar parte n'um prestito religioso, levando á frente uma cruz, que não seja a do clero, que no mesmo prestito figura, ou a de qualquer irmandade ou confraria, a que pertençam e que tenha approvação canonica e civil; mas dentro de suas casas podem ter as cruces, que quizerem e fazer os exercicios religiosos, que a sua devoção lhes inspirar.

Nenhuma auctoridade pôde estorvar, que dois ou mais cidadãos vivam n'uma casa, que alugaram ou adquiriram por qualquer titulo legal, e ali tenham um ou mais oratorios ou uma capella e junto aos altares resem, a horas certas e pela forma, que lhes approuver ou combinarem.

Não pôde prohibir, que taes individuos tenham horas certas para as refeições, para o estudo, para a recreação, para se recolherem ou para sairem dos seus aposentos.

Não pôde prohibir-lhes, que entrem e saiam, quando quizerem; fechem e abram as suas portas a horas determinadas; admitam ou deixem de admittir umas ou outras pessoas, nas casas, em que legalmente residirem.

E, como remate d'este capitulo, apresentaremos um exemplo.

Nas localidades, onde ha escholas superiores e em algumas d'aquellas, onde ha escholas secundarias, vivem junt s alguns estudantes, em casas proprias para isso, e estabelecendo entre si e em cada casa uma especie de communidade.

Essas associações chamam-se actualmente *republicas*; e antigamente, *collegio*.

Cada socio dá uma certa quantia mensal e um d'elles é nomeado chefe ou bolsa e, fazendo as despesas, dá as contas e apresenta o saldo ou reclama o deficit no fim do mez.

Ora, assim como os que vivem em casas de aspecto conventual, estão no perigo de serem visitados pela auctoridade e esta no direito de inspecionar-lhes as habitações, também os estudantes, que vivem em republicas, podem soffrer as mesmas contrariedades e serem postos na rua, especialmente se nas suas habitações houver algum oratorio, alguma cruz, algum emblema religioso, ou algum livro mystico.

Repetimos: Em Portugal, nem existiam nem existem actualmente frades nem conventos ou mosteiros.

Esses individuos, chamados frades, eram e são simples clerigos, que, em diversas localidades, viviam e vivem em sociedade, como fazem e tem feito alguns artistas, ou estudantes, ou funcionarios, ou outros quaesquer cidadãos.

Os edificios, habitados por elles, por direito natural e por direito positivo, eram e são propriedades puramente particulares, como são as de qualquer individuo, que contribue para o estado, segundo os seus rendimentos e como as leis determinam.

LITTERATURA

Deus a bordo

Era um domingo de setembro e estávamos n'um dos nossos portos de oeste, o antigo e celebre Treport, porto dos mais favorecidos pelos bons burguezes de Paris.

A brisa, já muito viva desde manhã, transformou-se de subito em tempestade; as ondas embraveceram-se e ao baterem contra o paredão do velho caes lançavam sobre os transeuntes os seus pennachos de espuma.

Mas aquelles, attrahidos pela grandiosa belleza do espectáculo, não se retiravam.

Bem depressa uma anciedade vivissima substituiu os transportes de admiração e os risos com que os alegres parisienses acolhiam as ondas, de cada vez que a agua salgada os inundava.

As barcas, que desafiavam a maré, carregadas de passageiros que desejavam gosar todas as impressões maritimas, voltavam ao porto.

Agrupados no mólhe, os curiosos contemplavam a habilidade com que o timoneiro e o marinheiro que ia á escota realisavam a difficil manobra de introduzir o barco no canal, apesar da furia da tempestade.

Já todos os barcos tinham feito com felicidade esse *tour de force*, excepto o ultimo da pequena flotilha. Devia ter soffrido mais que os outros, mas o vigor e a habilidade dos remadores mantinham-no ao de cima de agua, quando uma onda monstruosa, levantando-o com força irresistivel, o lançou contra o caes.

Ouviu-se um grito de terror; mas a presença de espirito d'aquelles curtidos marinheiros impediu a catastrophe. Os remos fizeram-se em pedaços, mas o *Jean-Marie* estava salvo!

Como o accidente não teve um fim tragico os alegres parisienses ao voltarem á cidade não fallavam já do successo.

Todavia, duas *tréportenses*, mulheres dos marinheiros, caminhavam adeante de mim e ouvi a mais velha dizer para a mais nova:

— Vem, minha filha, que não ha razão para ter medo. Este anno não podia succeder uma catastrophe nem a Couvien, nem ao *Jean-Marie*. Por certo te recordas que este barco levou Deus a bordo.

Deus a bordo!

Essa phrase chamou a minha attenção; assim, tirando o meu chapéu branco de banhista, perguntei á mulher o que queria dizer com aquillo.

Mas a minha pergunta desagradou-lhe sem duvida, porque, depois de me examinar por algum tempo, respondeu-me com modos bastantes bruscos:

— Ora essa! Se eu lhe dissésse, zombaria de mim. Os senhores de Paris não acreditam em nada.

E apertou o passo, arrastando a sua companheira. Mas a minha curiosidade devia ser immediatamente satisfeita.

Continuando o meu passeio por Tréport, e subindo a rampa que conduz á igreja, deliciosa maravilha de arte gothica, encontrei-me com o vigario, e apressei-me a perguntar ao joven sacerdote, cuja conversação, cheia de encanto, já por varias vezes me tinha deliciado, o que constitua a minha preocupação de momento: «Deus a bordo!»

Respondeu-me:

— E' um antigo e piedoso costume d'este paiz.

A sorte designa o barco em que se levantará a ára sagrada e installa-se ao pé do mastro um altar radiante de luzes e de flores. Asseguro-lhe, senhor, que é um famoso espectáculo, quando a procissão pára sobre o caes e

quando o senhor cura da barca dá a benção a todos estes valentes do mar, que se põem de joelhos, os homens com a cabeça descoberta, as mulheres passando as contas do rosario, enquanto os padres entoam o *Tantum ergo*.

Oh! São dignas de se verem essas fronte inclinadas sob a benção do Deus da Eucharistia; é digno de ouvir-se esse hymno que sobe suavemente para o ceu n'uma atmosphera de candida fé.

Como é de suppor, os marinheiros consideram uma grande honra a visita do Senhor Sacramentado e d'ahi a crença de que o barco que teve «Deus a bordo» está isempto todo o anno dos perigos do mar.

— Costumes de poesia encantadora, exclamei eu. E' para que Chateaubriand não o tenha conhecido. Escreveria mais uma famosa pagina para o seu *genio do christianismo*. Se o *Jean-Marie* não se despediçou hoje, foi evidentemente por milagre. Todavia — accrescentei sorrindo — será prudente confiar nas crenças d'esta pobre gente quando o semaphoro iça o signal de perigo?

— Rogo-lhe, interrompeu com vivacidade o sacerdote, que não continue por esse caminho. Sei muito bem que o senhor não é, como o disseram essas mulheres, um d'esses senhores de Paris que não creem em nada. Se a fé simples d'estas pobres mulheres o surprehende, reconheça que ella se baseia na filial confiança em Deus, cujos mysteriosos designios desencadeiam e apaziguam as tempestades.

— Não seriam mais felizes — disse-me elle com accento melancolico, apontando para a turba de banhistas que passeavam no caes — não seriam mais felizes todos esses corações incredulos se, como os meus ingenuos freguezes, não se tivessem divorciado da esperanza divina? Peço a Deus com todo o meu coração que, ao menos estes, conservem sempre a sua piedade, porque Jesus Christo, de quem sou humilde ministro, é verdadeiramente o Deus dos operarios do mar, o Deus que caminhava sobre as ondas do mar de Tiberiades, que apaziguava com um gesto as ondas enfurecidas; que suscitava as péscas milagrosas; é esse Deus que escolheu, antes de todos, os pobres pescadores para espargir pelo mundo a sua lei de consolação e amor.

Inflammava-se e ia proseguir no seu formoso improviso; mas eu, commovido pelo seu entusiasmo religioso, censurava já a mim proprio o meu maligno capricho.

Toquei-lhe suavemente no braço e disse-lhe:

— Perdõe-me, senhor vigario. E' tão difficil esquecer uma vida de scepticismo! Mas o senhor tem razão: só a fé salva! Peço-a ardente e incessantemente nas minhas orações. Sim! Creio! Quero crer! E só estarei satisfeito no dia em que creia com a confiança e a ingenuidade do coração dos vossos marinheiros. E abençoarei esse resultado, estou certo d'isso, porque, como sabe, *Deus está a bordo!*

FRANÇOIS COPPÉE.

APRECIACÕES LITTERARIAS

A Caminho, por Huysmans

Li devagar e meditadamente este livro, disposto a dizer conscienciosamente as impressões, que d'elle me ficavam gravadas no espirito.

E' o que vou fazer.

Huysmans é, na opinião auctorisadissima do snr. Conego Senna Freitas, um gentilhomem da penna, um escriptor de fina raça, de uma originalidade de phrase, que sabe arrancar á natureza o termo pictorial, que a revela,

e que tem o condão de dar ao seu estylo o brilho de uma lamina de Toledo.

Fallando do livro *En route*, agora traduzido, diz: «Nota-se ainda ahi um leve resquicio do homem velho, preferindo n'algumas questões secundarias, o seu juizo privado ao da Igreja, e jactando-se de ser mais perspicaz do que ella.»

O auctor, escrevendo as suas *Confissões*, julgou-se obrigado a dizer tudo, que lhe aconteceu e pensou: as tentações, as recalidas, os esforços empregados para levantar-se; as ideas, que lhe suscitavam os actos religiosos, alguns dos quaes o desgostavam, como a falta de devoção e o apparato profano nos officios funebres. E aqui lhe escapam estas palavras: A Igreja vende as indulgencias, e põe em almoeda as missas. O que se lhe desculpa, porque, como elle mesmo diz, tem o coração endurecido e defumado pelo fogo dos festins.

Se não fôra este estado do seu espirito, veria que a Igreja não vende as indulgencias: concede-as, exigindo de quem as quizer alcançar, algumas obras piedosas, uma das quaes é, algumas vezes, a esmola.

Desculpa-se-lhe tambem, pelo mesmo motivo, o dizer que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus é toda physica; bem como o juizo que faz dos Exercicios de Santo Ignacio, em opposição ao da Igreja.

São os taes resquicios do homem velho, de que falla o Conego Senna Freitas.

* * *

Tocado pela graça de Deus, recorda-se o auctor da sua infancia christã, e das visitas aos claustros, em companhia de sua mãe. A morte de um medico espiritualista, de quem fôra amigo, e a do sineiro de S. Sulpicio, causam-lhe desgosto pela existencia. Apaixonado pela arte, reconhece que os estudos a que, até então se entregava, eram insufficientes e inaptos para saciar sua alma e dar-lhe a felicidade.

Procurou pois a Igreja; analysou a architectura dos templos, as ceremonias religiosas, os canticos sagrados; e seu coração commove-se, assistindo ás imponentes funcções da Semana Santa, e meditando na dor da Virgem.

A Igreja de S. Severino, cujas pedras ressumbram realmente a fé e a piedade, encaminha-o para Deus.

Os effluvios, ceremonias e canticos de S. Sulpicio, impellem-no para o estudo da arte christã.

Depois a leitura de varios livros mysticos, confirmam-no nas crenças christãs.

Vieram as duvidas, as perplexidades, tentando desviar-o do novo caminho, por onde enveredara; mas elle vence-as, pensando na grandeza a vitalidade da Igreja.

* * *

O primeiro passo estava dado; a crença apoderara-se-lhe do espirito; mas para se resolver a entrar definitivamente na Igreja, teve de sustentar terriveis combates comsigo mesmo. Valeu-lhe e sustentou-o nos seus bons propositos, um padre piedoso e illustrado, que Deus lhe deparava.

As impressões colhidas da sua peregrinação pelas ruas e Igrejas de Paris, são desenhadas com as mais brilhantes cores. As apreciações, o estudo consciencioso e a apologia das Ordens Religiosas e dos Conventos, dando-nos a conhecer a sua vida e organização, encaminham os mais indifferentes a amar, venerar e respeitar essas venerandas instituições.

* * *

O padre, anjo bom, que Deus postara ao lado do auctor, indicara-lhe emfim que devia, para purificar sua al-

ma e fortalecer suas crenças, retirar-se por alguns dias a uma Trappa.

Huysmans obedece; e ao tractar de escolher os livros mysticos, que devia levar comsigo, é curioso ver como os analisa e aprecia, segundo o estado do seu espirito.

Santa Thereza, S. João do Cruz, S. Dionisio Areopagita, Santa Catharina de Genova, S. Boaventura e outros muitos, são abertos diante de nós, examinados minuciosamente, e indicados os caminhos, que cada um aconselha, para seguir pela vereda da Mystica.

Emfim chegou o dia, e lá foi para a Trappa.

* * *

A vida dos sanctos monges espanta-o e commove-o. Contemplando aquelles vultos silenciosos, abysmados sómente no amor de Deus, no cumprimento de suas obrigações monachaes, e nos trabalhos manuaes, o auctor pergunta a si mesmo, como se pode assim viver?

As ceremonias religiosas, solemnizadas com todo o rigor lithurgico, enlevam seu coração, e cada vez mais o aproximam de Deus.

Prepara-se para a sua confissão, examina a sua consciencia, vae depositar seus peccados no coração d'um bondoso sacerdote e tem a ventura de receber a Santissima Eucharistia.

Sua alma sente-se desoppressa d'um grande preza, e inundada d'um mar de consolações; mas a aguar-lhe esta felicidade, sobrevem terriveis combates, suscitados pelo demonio, que tenta arrebatar esta alma a Deus.

São escrúpulos pueris e ridiculos; são tentações formidaveis contra a fé; são combates perigosissimos contra a castidade!... Assoberbado por este alude impetuoso, que ameaça soterral-o, o auctor rebate os argumentos, que o Maligno lhe sagrada ao ouvido; insurge-se contra as scenas lubricas, que o assediam, e sentindo-se desfalecer, julgando-se abandonado de Deus, roja-se por terra e, no auge da afflicção, invoca os divinos auxilios...

Parece-me que o auctor foi mais minucioso, do que convinha, na descripção de seus delirios amorosos e luctas contra a fé. Estas paginas, lidas por um espirito fraco e inexperiente, poderão causar-lhe detrimento.

Melhor seria imitar Santo Agostinho, nas suas Confissões. «Quero lembrar-me, diz elle, das minhas fealdades passadas, e das carnaes torpezas da minha alma;

«Ardia em desejos de saciar-me nestas cousas baixas, querendo nadar em viciosos e tenebrosos amores...

«Quando estas cousas dizia e se alternavam aquelles ventos, impelliam meu coração ora uma, ora outra parte.»

* * *

Consegue por fim vencer estas vexações diabolicas, ajudado pelas orações dos bons monges. Seu coração exulta, e conhece que Deus o não abandonara; mas apenas parecera dormir, como outr'ora durante a tempestade do mar de Tiberiades, e permitira as tentações, para mais o fortalecer nos bons propositos.

Se grande fora a provação: maior era agora a consolação, que d'ella lhe resultara.

Seu espirito recobrou a tranquillidade; a efficacia dos sacramentos era visivel; o maligno, vendo que perdia o seu tempo, fugira espavorido e confuso da derrota.

E' sobre modo agradável seguir o auctor, nos seus passeios nos jardins, nas aleas, nas mattas, examinando os trabalhos dos monges, extasiando-se diante da vida d'aquelles mortos para o mundo e só vivos para Deus; visitando a bibliotheca e apreciando as obras mysticas que povoam aquellas estantes.

Sente-se verdadeiro prazer, lendo essas paginas admi-

raveis, pelo colorido da phrase, reflexões judiciosas e erudição que patenteam.

* * *

Resumindo para terminar.

O livro — *A Caminho* — é um poema em prosa da Mystica, inspirado pela musa christã, á qual o auctor pediu a penna inspirada, com que escreveu esta famosa historia da sua conversão, como diz o Conego Senna Freitas.

As Sanctas do Catholicismo, os escriptores mysticos, a vida das Ordens monasticas, os canticos sagrados, os templos, a lithurgia das funcções religiosas — tudo alli tem o seu lugar; tudo é celebrado nesta apologia esplendida, traçada pela penna aurea d'um escriptor de primeira plana.

* * *

A traducção está á altura do original. O feitio particular de Huysmans torna as suas obras de difficil trasladação a portuguez; mas o sr. Costa Pereira superou nesta obra, como já superava na Santa Lyduvina, as difficuldades do original, fazendo que a obra não perdesse nenhuma das suas bellezas.

Permitta-se-me porém uma observação. O illustrado traductor, não tendo ás vezes palavras portuguezas, para exprimir a idea do auctor, emprega termos exquisitos, que se não intendem facilmente.

Em lugar de—flirt—bondi—ensadisme—looch—levitation—peagers—boulevard—que parece-me, salvo melhor conselho, que seria conveniente empregar um circumloquio, se tanto fosse necessario, que nos desse a entender nitidamente a idea do auctor.

Vá esta observação á boa por, que ella, em nada deslustra a belleza da traducção.

* * *

Ao dedicado editor, o sr. Pereira de Castro, que emprehendeu fazer conhecidas em Portugal, as obras do notavel converso e brilhante escriptor francez, um affectuoso aperto de mão, pelas suas attenções para commigo; e a expressão de um fervoroso desejo de que a sua empresa, d'onde manam tantos beneficios para a religião e a litteratura, seja sempre favoreada pelo publico e abençoada por Deus.

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO
Abbate de Mancellos

—

DE TUDO UM POUCO

—
Creanças . . .
—

Como a rosa a que pozessem azas, ou avesita que pilhou a porta aberta, a pequena corre, estrada fóra, a buscar o remedio para a mãe que está doente.

Leva os olhitos vermelhos. Chora muito ao pé da cama onde a pobre mãe soffre tanto! Mas ella disse-lhe:—Eu não te morro, filhinha. O remedio que vaes buscar dar-me-ha logo saude.

Oh! como ella irá depressa para que sua mãe lhe não morra! Leva os olhitos vermelhos e corre pela estrada, como rosa a que pozessem azas.

No caminho dá um suspiro:—ai! como os passaritos cantam cá fóra e as borboletas brancas se beijam! Como o dia está bonito, tepido, florido, e o remedio que vaes buscar dará logo saude a sua mãe!

A aragem affaga-lhe o cabello, e como a avesita que pilhou a porta da gaiola aberta, corre, corre pela estrada fóra,

Lá adiante encontra um amigo, de sacco na mão, vae a choramingar para a aula.

—Olé, diz ella.

—Olá, diz elle.

E contam as suas maguas. Ella tem a mãe doente, — coitadinha! Vae pelo remedio á aldeia. Elle vae para a escola onde o mestre, o Coxo (ella conhece), o que tem oculos azues, dá palmatoadas e berra. E dizem ambos:

—Oh! que tristeza é a vida!

E por entre os dois infelizes passa uma borboleta iriada, espanejando as azas.

—Eh! Ih! Que linda!

Elle toma o chapéo, atira para o chão os livros, e zás, traz, corre, salta, apanha, apanha. Ella poisa a garrafa, tira o lenço pilha, pilha.

E, lá vão os dois, bosque dentro, d'onde sahe toda a manhã um alegre trinar de gargalhadas, porque só tarde se lembram da mãe que espera o remedio, e o Coxo, de oculos azues, que dá palmatoadas e berra.

GUILHERME GAMA.

—
Calendario:

Novembro
15
1902

A 15 de novembro de 1741 nasceu em Zurich Lavater, o famoso auctor dos *Estudos phisyonomicos*. Lavater era protestante e seguiu a carreira ecclesiastica, dedicando-se aos estudos philosophicos e religiosos.

Dotado de viva imaginação e de espirito esquadrinhador, Lavater foi, indubitavelmente, uma das maiores figuras do seculo XVIII. A sua moral desde creança o levou a condemnar a indignidade e um folheto seu, que publicou aos vinte dois annos, de tal sorte indignou a aristocracia suissa que o joven Lavater teve que emigrar para a Allemanha, fugindo ás perseguições de que era alvo.

Na Allemanha estudou muito, lendo todos os autores desde Klopstoch a Rousseau. Em Berlim publicou Lavater os *Canticos Helveticos* que se tornaram populares pelo sentimento patriotico.

Em 1764 regressou a Zurich, onde casou, sendo nomeado pastor da igreja de S. Pedro. Ahi trabalhou muito, escrevendo grande quantidade de livros, principalmente sobre assumptos theologicos.

Uma sciencia nova occupou-o inteiramente mais tudo. Referimo-nos á sciencia phisyonomica, que elle descobriu e da qual lançou as bases. Armado d'uma paciencia incomparavel, desenhou, estudou, comparou e reuniu numerosas observações até que um dia, em casa do medico Zimmermam, fez uma exposição pratica do seu novo sistema de conhecer o homem pela phisyonomia.

Os seus estudos foram logo publicados e traduzidos em todas as linguas cultas; a sciencia ficava com mais um ramo e Lavater immortalisava-se. Mas a revolução helvetica veiu desvial-o dos estudos e um dia um adversario fere o nas costas, morrendo o illustre sabio em 1801 das consequencias d'esse ferimento.

—
Curiosidades:

Nunca viste pescar rãs? Na extremidade d'um pau põe-se um cordel, no fim do cordel a isca.

Se estenderes o pau de maneira que a isca toque levemente na agua, verás que immediatamente se aproxima uma grande quantidade de rãs com um olhar vivo e intelligente.

A primeira que chega agarra o bocado seductor.

O pescador puxa pelo cordel e traz a rã.

Torna a deitar o «mesmo» cordel com a «mesma» isca e no «mesmo» logar; com o mesmo geito traz segunda



Duquesne

rã, depois terceira; depois quarta; depois... as outras, todas as que allí houver.

Eis a imagem dos pobres ignorantes a quem os agentes das sociedades secretas e jornalismo «vermelho» impingem mentiras com a maior facilidade.

Dizem-lhes o que é peor que perseguir padres que não fazem mal a ninguém, que só praticam o bem, que são o que hade melhor e mais respeitavel no mundo; e estas verdadeiras rãs tudo acreditam, repetem-no nas tabernas, nas hospedarias, nas officinas, nos clubs, em toda a parte.

Notas de sciência:

Acaba de ser lançado á agua na Belfart uma verda-

deira cidade fluctuante, o maior barco que existe no mundo.

Foi construido nos arsenaes de Herland e Walf e tem nome de *Cedric*.

O novo barco mede 700 pés de comprimento por 75 de largura e desde a ponta á base é maior que a mais alta casa de Londres.

O *Cedric* tem nove andares, com dois salões magníficos de primeira e segunda classe, galerias para passeio, quartos para fumadores, banhos, leitura, escriptorio do correio, etc.

No barco podem viajar commodamente 3:350 pessoas. Nos compartimentos estanques cabem 6:062 toneladas de agua. O *Cedric* desloca 37:870 toneladas e custou 14 milhões de pesetas.

Trechos escolhidos :

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.
De que innumerous saes a mente ufana,
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna.
Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos;
Deus, oh! Deus! . . . Quando a morte á luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

BOCAGE.

Pensamentos :

—A conjectura é aquelle instrumento do qual grandemente se serve a prudencia humana a qual olhando para o futuro, julga d'elle com discussão e noticia das cousas antecedentes. Pelo que é bom estar bem provido d'estas necessarias e uteis noticias; mas deve haver muita cautella em não prognosticar, nem fazer juizos das cousas contingentes. Evite-se muito mais escrevel-os, porque as palavras fogem, e o que se escreve, quando se guarda, está sempre presente.

A honra é uma dignidade adquirida pelo meio da virtude, por isso a virtude, é a essencia da honra a entra na sua definição como substancia. Logo por necessaria consequencia se deduz, que não pode haver honra onde não ha virtude.

Parece que este foi o motivo porque de tal fórma estava situado o templo da honra, que n'elle se não podia entrar sem primeiro passar pelo da virtude.

Perto d'estes templos, estavam outros dois, que eram o da sciencia, e o da esperanza, fabricados da mesma sorte, e cuidado que com o mesmo mysterio; pois nada póde esperar quem não passar primeiro pelo grande trabalho de saber.

—E' melhor não intentar uma empreza, do que depois de tentada não a conseguir.

—E tambem será melhor passar os dias em um ocio honesto, do que em uma occupação que não possa ser louvavel.

Humorismos :

Uma dona de casa, entrando na cosinha, surprehende a creada com a garrafa de vinho á bocca.

— Estou admirada, Maria, do teu descaramento.

— Tambem eu estou admirada, minha senhora. Cuidava que tinha sahido.

COLLABORAÇÃO

Reflexões

O tempo é um ministro inexoravel que sem dó nem piedade tudo leva na sua ininterrompida marcha, para, sem a nada, nem a ninguém exceptuar, sepultar no formidavel livro do passado!

Hontem foi um ente querido que, resvalando na valla do cemiterio, se escondeu para sempre á nossa vista, sem comtudo, deixar d'existir na nossa alma e coração; hoje é um palacio que vergado ao peso dos annos, se acaba de demolir, sem que para o futuro appareça um leve vestigio de tanta sumptuosidade, luxo e grandeza; amanhã é uma cidade que se consome, talvez, entre chammas, devindo indubitavelmente aos desvarios dos seus habitantes.

Vejamos a triste sorte da Martinica que n'um abrir e fechar d'olhos viu a cidade de S. Pedro, victima da catatrophe, onde pereceram trinta mil pessoas que foram submergidas n'um mar de fogo!

Que desgraça! que horrivel cataclismo!

Mas, quem sabe se Deus mandou semelhante desgraça para castigar os desvarios d'aquelle povo que iniquamente blasphemava de Deus e Maria Santissima? Escarnecia e despresava os sacramentos, e, como cá, insultava os ministros da nossa santa religião, a quem devemos respeitar, e apedrejava as casas religiosas, viveiros d'almas puras e a quem devemos amar e prestar toda a cooperação possível?!

Oh! Deus não dorme. . .

Que tristes pensamentos me assaltam á mente e como vejo na triste sorte da Martinica a nossa sorte, se Deus se não compadece de nós!

Não foi ha um anno, apenas, que n'este abençoado torrão portuguez, outr'ora vasto campo de santos e martyres, que n'um fremito de acendrada fé davam a vida por amor á religião, se presenciou o espectáculo mais degradante para um povo civilisado e religioso, o qual foi de apredejar casas religiosas, insultar, calumniar e perseguir sacerdotes que são o modelo de santas virtudes a paz de muita sciencia por cujos titulos só merecem o nosso louvor, respeito, homenagem e veneração e despresar santas Senhoras com o que ha de mais ridiculo e ultrajante?!

E. . . nada mais digo, porque sou portugueza e ao lembrar-me de cousas que vi e presenciei na minha adorada patria, coram-me as faces e, confesso-o: n'aquella occasião tinha coragem de a abandonar pelos sertões da Africa, onde haveria mais moralidade, patriotismo e menos selvajaria!!!

Felizmente esta quadra de violencias despoticas foi minorada por um decreto que, francamente não honra os legisladores, nem gloria o paiz; mas vamos vivendo sob esta atmospha de chumbo, até que Deus se amercie de nós; emquanto que a historia portugueza archiva uma das suas paginas mais negras, que digamol-o, só se deve ao governo actual por este não cumprir com os seus deveres de patriota e catholico.

M. M.

Virgo potens

Tu és, Virgem Maria, omnipotente,
Pois o Eterno te dá todo o poder,
Deferindo gostoso, em continente,
Teus desejos, teu minimo querer.

Um teu suspiro vale mais comsigo
Do que todo o rogar dos Santos seus,
Porque, se é cada qual seu servo e amigo,
Tu és mais, és a santa Mãe de Deus.

E' cego quem não vê tua valia,
Louco quem não delega, não confia
A causa sua a ti junto a Jesus.

Pois quem de corpo e de alma olhos descerra,
Verá de Lourdes na ditosa terra
Foco supremo da divina luz.

A. MOREIRA BELLO.

CHRONICA SOCIAL

Ligas e associações

Esta associação tem por fim geral o estudo e a defesa dos interesses economicos e profissionaes dos membros do ensino livre, superior e secundario. Propõe-se especialmente:

1.º Crear relações e manter laços de confraternidade entre os membros do ensino livre, superior e secundario.

2.º Procurar os meios mais proprios para melhorar a sua condição material e moral.

3.º Perseguir a realisação de todas as reformas legislativas e outras e todas as medidas economicas que se relacionem com os interesses do ensino livre.

4.º Preparar, incitar e sustentar a creação de instituições economicas, taes como caixas de soccorros mutuos, caixas de reformas para a velhice, seguro contra os accidentes e outros semelhantes.

5.º Crear escriptorios de informações proprios para facilitar o bom recrutamento do pessoal e a prosperidade dos estabelecimentos de ensino livre superior e secundario.

6.º Instituir casas intermediarias para a compra de objectos de illuminação, de vestuario, fazendas, livros, papeis, etc., de modo a fazer aproveitar aos membros dos syndicatos bonus e descontos obtidos nas compras dos fornecedores, por contracto ou adjudicação.

7.º Regular, por modo amigavel, se as duas partes escolherem a instituição por arbitro, as contestações que possam surgir quer entre os societarios, quer entre estes e terceiros.

8.º Examinar e instruir os negocios que possam dar lugar a contestações judicarias, conciliar as partes e fazer ainda as relatorios, memorias e observações necessarias.

O syndicato fundou-se ha seis mezes apenas e já tem mais de trezentos associados. Todos os dias lhe chegam adhesões vindas de todas as regiões de França e das diversas cathogorias do mundo professoral. Os scientificos conversam ahi com os litteratos e os juristas; os leigos encontram-se com numerosos membros do clero regular e secular; os decanos da faculdade e os directores de collegios figuram ahi ao lado dos professores e dos simples auxiliares. Para nos convenceremos d'isto basta apenas percorrer a lista dos membros da camara syndical e dos primeiros adherentes, publicada no segundo numero do interessante *Boletim syndical*.

Isto são apenas começos; mas os fins promettem, de resto, as vantagens materiaes que estão asseguradas aos associados são muito importantes e compensarão largamente a cotisação annual de dez francos, que é exigida.

N'um fim de solidariedade profissional e confessional permittam-nos fazer um apello aos leitores para organisarem uma obra semelhante. Haja ahi, em Portugal, um nucleo de professores christãos, que tomem esta iniciativa.

*

Podemos approximar d'este syndicato uma associação que apresenta com elle alguma semelhança. E' uma sociedade de soccorros mutuos, estabelecida em Lyão, em favor de professoras christãs do departamento do Rhodano. O esforço é aqui um pouco mais limitado; visa-se apenas á reforma ou caso de doença e só se dirige apenas ao pessoal feminino. Ninguem se pode surprehender com o facto dos catholicos terem tomado um especial interesse na situação d'um grande numero de christãs!

(Continua)

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Abandonaram o *Correio Nacional* os snrs. dr. Azevedo Ennes e Avelino de Almeida. O director d'aquelle jornal, sr. dr. Quirino de Jesus, foi despedido por determinação da commissão organisadora do Centro Nacional.

—Melhorou um pouco o filhinho do sr. conselheiro Jacinto Candido, nosso illustre amigo e dedicado chefe politico.

Congratulamo-nos com a noticia e continuamos a fazer votos para que o restabelecimento completo do pequenino enfermo venha em breve satisfazer por completo todos os nossos desejos.

—Para a historia da mão baixa que desde largos annos se vem fazendo sobre os bens ecclesiasticos, encontramos este artiguinho no *Districto de Vizeu*:

«Será vendido no dia 23 do corrente em hasta publica, no ministerio da fazenda, o edificio do convento de Santa Eufemia, situado no concelho de Sattam, freguezia de Ferreira de Alves.

«A base de licitação é de 375\$000 que ninguem se atreverá a offerecer, porque o edificio está já em ruinas, com parte dos muros em terra, portas, madeiramentos e telha roubados, etc., etc.

«Ha sete annos, quando falleceu a ultima freira, valia alguns contos de réis. Hoje não vale 100\$000.

«E' que ali, como do resto aconteceu com os outros, tudo foi posto a saque.»

Isto, que a muitos parecerá novidade, é mais uma folha no enorme livro das depredações em bens monasticos.

E foi para isto que se expulsaram os frades: para encher a barriga a um bando de anti clericas de polpa que invocam incompatibilidades religiosas para lançar mão, impunemente, da propriedade alheia...

—A commissão executiva do Centro Nacional de Famacção creou no dia 4 do corrente mez de novembro o centro parochial em Santa Lucrecia do Soeiro, com os seguintes cavalheiros:

Presidente — Rev. João Correia de Araujo Rebello, abbade da freguezia.

Vice-presidente — Antonio Francisco da Cruz Trovisqueira, proprietario e capitalista.

Secretario — Rev. padre Francisco José Velloso, coadjutor da freguezia.

Vogaes — Domingos da Costa Pereira e Pedro da Costa Pinto, proprietarios.

Exterior

O *Osservatore Romano* publica uma nota em que pede aos catholicos, em nome do Papa, que se abstenham de toda a discussão sobre a maneira de comprehender a democracia christã e sobre a doutrina que foi condemnada pela nota de 23 de setembro.

O Papa quer que os catholicos se ponham á frente d'um trabalho pratico de acção popular, sob a direcção da «obra dos congressos». Se fôr necessario fazer qualquer observação sobre a interpretação erronea da verdadeira democracia christã, deve-se fazel-a com caridade, ferindo o menos possivel as pessoas.

—O imperador Guilherme, falando na inauguração solemne dos novos edificios das academias de ensino e das

artes plasticas, em Charlottenburg, disse que um dos mais altos deveres d'um soberano é o de ajudar o progresso da arte, que ennobrece o homem, e accrescentou:

—Tende o consciencia, em todos os instantes da vossa vida, da alta missão educadora que a arte, abençoada por Deus, tem a desempenhar. A vossa missão é elevar, pelos nossos trabalhos, a arte até ao povo, qualquer que seja a sua esphera, arrancando-o ás fadigas da sua vida jornalreira e dando ainda mais força aos sentimentos que os povos da raça allemã teem da belleza e a esse espirito particular que os leva a interessar-se por todas as tentativas generosas.

—Ha alguns mezes tomou ordens sacras em Italia um rapaz a quem ha pouco succedeu uma grande fatalidade. Estando o joven padre a dormir, incendiou-se-lhe a cama de que resultou ficar horrorosamente ferido.

Os medicos chamados declararam que o doente morreria se não fossem applicados nas feridas pedaços de pelle humana extrahidos de individuos vivos.

Passou-se então um facto curioso. Os seminaristas companheiros do padre enfermo *cotisararam-se* para cada um ceder um bocado de pelle afim de salvar o desgraçado!

Foram precisos cincoenta centimetros quadrados! E este bello acto de dedicação não foi improficuo porque o joven padre curou-se dos seus horribes ferimentos.

—As ultimas eleições realisadas na Austria, não justificaram as esperanças da colligação dos judeus, dos prussianos e dos socialistas; a victoria dos christãos foi a mais completa possivel. Consolidou a situação do ministerio Bueger e fulminou um golpe mortal sobre os seus inimigos.

As circumscripções ruraes tinham a nomear 21 deputados dos quaes 15 pertenciam na antiga dieta ao partido christão. A colligação annunciava como certa a reeleição de 6 prusso-liberaes e a conquista de 5 ou 6 outros circulos. Ora, no primeiro escrutinio, foram eleitos 20 christãos, todos com grande maioria, e a colligação perdeu 5 circulos. Tudo o que se póde esperar é que a colligação salve os poucos circulos restantes.

Estes resultados causaram viva sensação em Vienna d'Austria e constituem o objecto de todas as conversações; a impressão geral é que, depois de semelhante derrota, a colligação judaico-prusso-socialista não tem grande coisa a esperar da votação da cidade, que se realisa no proximo domingo.

D'ora ávante o governo de Vienna e da Baixa-Austria ficará na mão dos catholicos.

—O sr. Gastão Polonais, redactor do *Gaulois*, abjurou a religião israelita á qual pertencera até agora. O joven catechumeno teve por padrinho, na sua nova religião, o general Récamier e por madrinha a sr.^a condessa de Béarn. A sua confissão foi recebida pelo padre Donanech, antigo missionario. A cerimonia realisou-se na capella da igreja de S. Thomaz d'Aquino.

Esta notavel conversão do distincto jornalista só surpreenderá aquelles que não leram os vigorosos artigos publicados ultimamente no *Gaulois* em que Polonais defendia as liberdades que pretendiam arrebatar aos catholicos.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Cathedral de Milão

Vid. pag. 253)

Esta cathedral é um dos mais curiosos monumentos architectonicos do seculo XV.

O seu estylo gothico é uma maravilha de arte; e a

sua execução demonstra, simultaneamente, a mão de um artista e a d'um homem de fé.

E' a melhor cathedral de Italia, e talvez uma das mais bellas do mundo.

Duquesne

(Vid. pag. 259)

Ao mesmo tempo que Colbert se distinguia na administração politica da França, Duquesne cobria-a de gloria pelos seus combates maritimos. Nascido em 1610, em Dieppe, já aos vinte e quatro annos commandava um navio de guerra na armada do conde de Harcourt, que tomou aos hespanhoes (senhores então de Portugal) as ilhas de Lerins. Na prolongada lucta entre a França e a Hespanha, Duquesne teve ensejo de manifestar sua ousadia no ataque de Gattari, na expedição da Curunha, na tomada de Loredo, na bahia de Rosas onde tomou aos hespanhoes cinco navios, distinguuiu-se em Terragona e na batalha de Gata em 1643: Em 1544 bateu o rei da Dinamarca em frente de Gothemburgo. Com uma armada á sua custa, bombardeou a Gironda bandeada com a Fronda e venceu a frota ingleza que vinha auxiliar-a na guerra com os holandezes, bateu Ruyter em varios recontros, um dos principaes em frente de Lippiari, conseguindo por fim matar-o e expulsar do Mediterraneo a esquadra holandezada depois da grande batalha em frente de Palermo, a 2 de junho de 1572, em que incendiou doze navios da esquadra hespanhola e holandezada. Foi o açoute dos corsarios barbarescos, puniu Alger que os abrigava, e ao doge de Genova, alliado da Hespanha, forçou a vir a Versailles implorar a clemencia de Luiz XIV.

Este genio do mar era protestante. Não recebeu por isso as insignias de almirante de França; mas pela sua bravura, sempre o seu nome será repetido a par do de João Bart e Duguay-Trouin.

— *Consortio* — Consorciaram-se ha dias na igreja de Mattosinhos o sr. José Antonio de Carvalho Junior com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Isabel Madureira Guedes de Mourão Portocarrero, servindo de testemunhas por parte do noivo os nossos presadissimos amigos snrs. José Ribeiro Vieira de Castro, muito dignissimo gerente da Companhia Carris da Ferro do Porto, e dr. Victorino Laranjeira, um dos ornamentos do nosso municipio do Porto e lente da Academia, e por parte da noiva os ex.^{mos} snrs. José Antonio de Carvalho, bemquisto proprietario na Foz e Augusto José de Carvalho, honradissimo commerciante de vinhos d'esta praça e nosso prezado amigo.

Assistiram a esta cerimonia além de muitas outras pessoas os srs. Jacome Fernandes Alves de Macedo, Antonio Pinto de Vasconcellos Mourão, Commendador José Fructuoso da Fonseca e Luiz dos Santos Philippe Coelho.

As alianças foram offerecidas pelo gentil menino Carlos sobrinho do noivo.

Desejamos-lhe mil felicidades e venturas de que são dignos.

— *Conferencia*. — Realisou-se no vasto salão do Centro Eleitoral Nacionalista, a conferencia do Sr. Conde de Samodães, sobre Caixas Ruraes e o Credito Agricola. O illustre conferente entreteve durante 5 quartos de hora a numerosa assembleia, demonstrando mais uma vez os seus muitos conhecimentos sobre tudo o que diz respeito aos interesses agricolas do paiz.

Disse que havia sido rogado pelos seus collegas para fazer esta conferencia, á qual se seguiriam outras sobre interesses publicos, e politicos, conforme o regulamento do Centro.

Seguidamente fallou dos principios em que se baseia o nacionalismo, differentes dos adoptados até aqui, e declara que, como agricultor, se occupará, principalmente, do que constitue a sua profissão habitual.

Portugal é especialmente um paiz agricola; fallará, pois, sobre o Credito agricola. Ha uma chaga que corroe a agricultura e todas as fontes de riqueza nacional. E' a usura, o juro excessivo, que tudo

arruina. A legislação portugueza nada remedeia. A mesma companhia de Credito Predial tem seus defeitos. Com os seus prazos longos, ju- ro elevado e commissão sobre o capital, não aproveita ao agricultor.

Refere-se ás antigas instituições dos colleiros communs, para empre- timos de sementes, e ás Misericordias que prestavam alguns serviços á agricultura. Mas tudo isto acabou pela conversão dos seus fundos em titulos de divida publica.

Hoje não ha credito agricola e o lavrador, se quer cultivar suas ter- ras, tem de se entregar ao usurario, o que é a sua ruina.

Para remediar estes males é que se destina a grande instituição das Caixas Rurales, que leverão enormes beneficios á agricultura, por- que os serviços dos empregados são gratuitos, por dedicação e carida- de. Isto demanda boa vontade e patriotismo.

Os seus resultados excellentes são conhecidos na Allemanha, Fran- ça, Italia, e outros paizes, sendo geralmente adoptado o systema Raf- feisen.

Uma Caixa Rural d'este systema empresta-se dinheiro, a juro modi- co, ao lavrador associado, para aquisição de adubos, alfaias, arro- teamentos de terrenos, etc. O fim da applicação do dinheiro pedido é sempre designado. Só pôdem ser associados homens de reconhecida probidade e consciencia. Qualquer freguezia ou povoação pôde ter a sua Caixa, devendo todos os associados conhecer-se uns aos outros, pois que todos serão igualmente solidarios, conjunctamente com a di- recção.

Appella para a boa vontade de todos os que võem na obra das Cai- xas Rurales a semente da moralidade e o germen da riqueza no nosso paiz.

Apesar dos principaes beneficios das Caixas Rurales serem destina- dos á aldeia, o Porto, no conjuncto da organização, é chamado a col- laborar, formando-se uma commissão, n'esta cidade, para pôr em exe- ção esta obra, onde as circumstancias se mostrarem mais favoraveis.

Refere, por ultimo, que o nacionalismo surgiu para o emprehen- dimento de cousas sérias.

Dentro do poder ou fóra d'elle, saberá sempre manter os bons prin- cipios.

O illustre conferente foi muito applaudido.

—*Excesso de Podridão*—E' o titulo de um folheto de 48 paginas, formato grande, cujo auctor, D. Francisco de Noronha, depois de pôr a nú d'um modo claro e vibrante toda essa vasa asquerosa do nosso mundo politico, prova com o testemunho de documentos o quanto elle proprio f-i victima de injustiça por occasião da reforma da Direc- ção Geral de Instrucção Publica em que o preteriu um acto de verdadeira iniquidade ministerial. O folheto alludido foi impresso em Lisboa e acha-se á venda nas livrarias da capital.

—*Encyclopedia Portugueza Illustrada*— Recebemos o fasciculo 204 d'este excellento dictionario universal, publica- do sob a direcção do snr. dr. Maximiano de Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 467 artigos e 13 figuras que vão desde *Extractor a Facil*. Entre os artigos mais notaveis, citare- mos *Fuce*, dos snrs. drs. Clemente Pinto e Costa Ferreira.

Continua a assignar-se este excellento dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.^o, Porto. Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marechal Saldanha, 26.

NECROLOGIA



Falleceu em Celorico de Basto, em plena mocidade, o irmão do nosso presadissimo amigo e distincto escriptor cathlico, Rev.^{mo} Monsenhor Manuel Marinho.

Acompanhamos na sua dôr Monsenhor Manuel Mari- nho e aos nossos leitores pedimos as suas orações por alma do illustrado e bondoso finado.

—Tambem falleceu no dia 12 do mez passado na sua casa de Alvêllo, Penafiel a respeitavel e virtuosa snr.^a D. Maria José Torres Carneiro Geraldès, mãe do muito di-

gnissimo engenheiro Alexandre Carneiro Geraldès e irmã da nobre Condessa de Bovieiro e general Vasco de Castro.

A virtuosa finada deixou ficar innumeradas saudades n'aquella povoação e os pobres perderam pelo seu passa- mento uma mãe estremeçada.

A' familia enluctada endereçamos o nosso sentido peza- me e aos nossos leitores rogamos as suas orações pelo eterno descanso da alma da saudosa fallecida.

EXPEDIENTE

Vamos principiar no novo anno com listas novas, e por isso pedimos a todos os snrs. assignantes que desejem alguma mu- dança o façam desde já. Outrosim, preveni- mos todos aquelles snrs. que devam mais de dois annos que o jornal lhe será suspen- so, porque quem não paga o pouco muito menos pôde pagar o muito.

ANNUNCIOS

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

rFabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrados patamentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portu- guezas.

CONDE DE SAMODÃES

—) *(—

O MEZ DOS FINADOS

Meditações para todos os dias do mez de Novembro

Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto

1 vol. enc. 400 reis

Modo d'ouvir missa pelos defunctos

Preço—Enc., 160 reis.

FLORES

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

Meditações para o seu mês ou para qualquer tempo do anno

com exemplos apropriados, praticas e jaculatorias

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

Monsenhor Manuel Marinho

Approvado e indugienciado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.
D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol. enc. 300 reis

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

Imitação de Christo. Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por Monsenhor Manuel Marinho. Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Em percalina, 300 reis. Em carneira com folhas douradas, 500 Em chagrin douradas 45000

Método de assistir ao Santo Sacrificio da Missa. Obra extrahida da novissima edição da «Imitação de Christo», annotada e confrontada com o texto latino por Monsenhor Manuel Marinho. Obra approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Enc. 100 reis. Broch. 50

Bernadette — Soror Maria-Bernarda, por Henrique Lasserre. Vertido da vigesima-segunda edição franceza por A. Peixoto do Amaral. 1 vol. broch. 400

Flôres a S. José. Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenadas por A. L. F. Obra approvada e indulgenciada 2.^a edição. Preço: encadernado 200

Cartas Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII — 5 vol. Broch 25300. Enc. 35000

Vieira-Prégador pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral. 2 vol. broch. 25000

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

Vida Popular de S. João de Deus. Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 1 vol., broch. 500

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Traducção de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

Cathecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Traducção franceza pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approvado e recommendado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200

A Mãe segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600

A Santa Montanha de La Salette por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch. 400

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 45000 reis. Um exemplar. 20

A Questão dos Jesuitas por J. F. da Silva Esteves—1 vol. broch. 600

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. 600

Ladainhas ao sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 40

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as igrejas do orbe catholico—Traducção approvada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portuguez, 10 reis—Em latim e portuguez 50

Oração para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 10

Sorrisos d'um velho—A verdade a rir—O erro chorando—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Traducção approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 40

Vida popular de S. Vicente de Paulo — pelo Padre Berhigner, conego honorario de Bordeus e Arcypriste de Ligorno—traduzida do francez, por M. Fonseca — Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 400

O Apostolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Os milagres de Lourdes e o seculo XIX—Considerações sobre os milagres e replicas aos «espiritos fortes» que os põem em duvida pelo padre J. J. G. 100

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portuguezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

A Confissão Sacramental — Pelo Ex.^{mo} Sr. Padre Manuel Marinho — Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 250

Oração fúnebre do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e futuro successor de Lamego, recitada nas sollemnes exequias celebradas na igreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890. Preço. 250

Os Episodios Miraculosos de Lourdes, por Henrique Lasserre. Continuação e tomo segundo de Nessa Senhora de Lourdes — Obra prefaciada e vertida em portuguez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—1 vol., broch. 600

Defesa da creença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo snr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 500

Meditações para o mez de Maio pelo Padre Affonso Muzza-relli da Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a Santissima Virgem para todos os dias, e tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores. Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch., 100 reis, enc. 160

Modo de ouvir missa pelos defunctos e orações do bom christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Ex.^{mo} Sr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. 160

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard (5.^a edição). Traducção pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cuenjães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mos} Snrs Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio 740

Jesuitas e mais alguma coisa. Estudo pittoresco da Companhia dentro e fóra da *g. ainha*, escripto nas horas de bom humor, pelo seu auctor Antonio João Rodrigues da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philosophia, etc., etc., (2.^a edição)—1 vol., Broch. 200

Bento José Labre — Tributo de respeito no seu primeiro centenário, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Tudo por Jesus ou caminhos faceis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia—Obra traduzida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portuguez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. 800

Historia de S. Francisco de Sales pelo Marquez de Ségur. Traduzida por M. Fonseca—1 vol., brochado 600

O mez de Maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

Uma visita a Lourdes pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães. 1 vol., broch. 200

A Mulher. Apontamentos para um livro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—1 vol., brochado 400

Relação Geral das freguezias da diocese do Porto. 1 vol., broch. 300

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74 — PORTO.